



ALBERTO CAEIRO

**19. ACEITAÇÃO***Caeiro não deseja nada mais do que aquilo que tem.*

Dunas. Foto L.A.



«Não fui amado porque não tinha que ser.»

Se eu morrer novo,  
Sem poder publicar livro nenhum,  
Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa  
Peço que, se se quiserem ralar por minha causa,  
Que não se ralem.  
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,  
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.  
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,  
Porque as raízes podem estar debaixo da terra  
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.  
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:  
Nunca fui senão uma criança que brincava.  
Fui gentio como o sol e a água,  
De uma religião universal que só os homens não têm.  
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,  
Nem procurei achar nada,  
Nem achei que houvesse mais explicação  
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva —  
Ao sol quando havia sol  
E à chuva quando estava chovendo  
(E nunca a outra coisa),  
Sentir calor e frio e vento,  
E não ir mais longe.

Uma vez amei, julguei que me amariam,  
Mas não fui amado.  
Não fui amado pela única grande razão —  
Porque não tinha que ser.

Consolei-me voltando ao sol e à chuva,  
E sentando-me outra vez à porta de casa.  
Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados  
Como para os que o não são.  
Sentir é estar distraído.

7-11-1915

“Poemas Inconjuntos”. In **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993): 85.

1ª publ. in “Poemas Inconjuntos”. In **Athena**, nº 5. Lisboa: Fev. 1925.